

O “fundo do poço” foi em janeiro de 83

A recuperação econômica registrada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos dois primeiros meses deste ano, que vem sendo liderada principalmente pelo setor exportador, tem uma grande dose de relatividade. Parte de uma comparação com um período — janeiro e fevereiro de 1983 — em que a indústria brasileira apresentou péssimos resultados, não podendo ser vista, portanto, com um otimismo exagerado.

É extremamente difícil verificar se o aumento da produção industrial no primeiro bimestre deste ano de 8,1% representa uma tendência consistente, quando se sabe que em janeiro e fevereiro do ano passado a atividade industrial do país sofreu uma retração de 4,18% (taxa acumulada no ano).

Outros índices empregados pelo IBGE revelam resultados ainda menos favoráveis nos primeiros meses do ano passado, sendo que o mês de fevereiro pode ser considerado "o fundo do poço". No período em questão, a taxa mensal de produção industrial revelou uma contração, em comparação a fevereiro de 1982, de 5,35%. O índice de base fixa mensal (fevereiro de 83 em relação à média mensal de 82) teve comportamento ainda pior: declínio de 18,82%. Quanto ao índice acumulado em janeiro e fevereiro de 83, em comparação à média do ano anterior, apresentou uma queda de 17,23%.

Comparação infeliz

Especificamente a respeito de janeiro deste ano — o primeiro mês em que o IBGE mencionou ter verificado sinais de recuperação na economia — é bom lembrar que essa melhoria registrada no desempenho da indústria teve como base o índice que mede o comportamento da produção em janeiro contra janeiro do ano passado. De acordo com o presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid), Ary Waddington, a comparação é infeliz porque janeiro de 1983 foi o mês em que a indústria teve um dos resultados mais ruins dos últimos 10 anos ou 80 meses.

Os técnicos do Centro de Estudos Industriais da Fundação Getúlio Vargas destacam ainda que caso se tome como índice de referência o desempenho industrial de janeiro contra o de dezembro, não se pode falar em recuperação muito significativa no primeiro mês de 1984. Em 1981, em janeiro contra dezembro de 1980, a indústria apresentou uma taxa de expansão de 31,1%. Em 1982, queda de 3,1%, em 1983, queda de 7% e em 1984, queda de 4%, o que demonstra que não houve grandes melhorias em janeiro deste ano, principalmente se traçar-se uma comparação com o resultado de 1981.

Outros dados que os técnicos do Centro de Estudos Industriais da FGV

consideram uma prova de que a recuperação econômica é ainda muito restrita a alguns setores — dos 3,51% de aumento em janeiro contra janeiro de 83, os economistas acham que pelo menos 1,5% podem ser atribuídos à exportação — são os relativos à produção de automóveis no país. Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), em janeiro e fevereiro deste ano contra o mesmo período do ano passado houve uma queda no número de unidades produzidas de 3,4%. Enquanto a produção de caminhonetes, ônibus e camionetas teve expansão significativa, a de utilitários e a de veículos de uso misto apresentou diminuições acentuadas (no caso dos utilitários, de 51,1% e no de uso misto, 20%).

FGV X IBGE

Pesam ainda contra os sinais de recuperação na economia apontados pelo IBGE o resultado da 70ª Sondagem Conjuntural elaborado pelos técnicos da FGV, relativa à produção da indústria de transformação no primeiro trimestre deste ano, e também o resultado da 30ª sondagem quanto ao crescimento do emprego na construção civil, no primeiro semestre.

De acordo com a primeira sondagem, em janeiro de 1984 o grau de ociosidade na indústria brasileira de transformação era do 28% (contra 27% em dezembro de 83) e as previsões para o primeiro trimestre registraram 24% de assinalações de expansão da produção e 32% de queda. A pesquisa envolveu 2 mil 442 empresas.

Quando a segunda sondagem, que envolveu um universo de 461 empresas pesquisadas, revelou uma forte contração no nível da atividade da indústria da construção civil no final de 1983 e um prognóstico de nova diminuição no primeiro trimestre deste ano, na "totalidade

dos segmentos do setor". Quanto ao contingente de mão-de-obra empregado na construção civil, a previsão foi a de que sofreria no primeiro semestre um corte de 6%, assim decomposto: transporte (-2%); obras hidráulicas (-6%), edificações (-10%) e obras e serviços industriais (-4%).

O carnaval e fevereiro

Além das previsões dos industriais, que em janeiro deste ano não eram nada otimistas, como revelam as pesquisas feitas pela Fundação Getúlio Vargas, um outro fato que demonstra existir provavelmente uma certa arbitrariedade nos índices do IBGE são os que dizem respeito à produção industrial em fevereiro deste ano, contra o mesmo mês do ano anterior.

O próprio IBGE, na quarta-feira última, divulgou dois índices para o mês de fevereiro: o que teve como base o que foi observado e o resultado corrigido, levando-se em conta o fato de fevereiro deste ano ter tido 25 dias de trabalho e fevereiro do ano passado 22, devido ao carnaval. Essa pequena diferença em número de dias úteis gera uma enorme diferença nos dados sobre produção industrial, em comparação ao mês do ano anterior, exatamente o indicador que havia sido empregado pelo IBGE em janeiro para anunciar a recuperação.

Enquanto o índice **observado** mostra uma expansão em fevereiro de 84, contra fevereiro de 83, de 12,58%, o índice **corrigido** revela uma queda de mais de 1%. E uma questão que fica no ar é qual dos dois índices foi utilizado pelo IBGE para chegar à taxa de produção acumulada em janeiro e fevereiro de 8,10%: o observado ou o corrigido?

CECÍLIA COSTA

Os indicadores da indústria

janeiro e fevereiro de 84

Indicador Classes de indústria e categorias de uso	Base fixa		acumulado		12 meses		mensal		
	mensal								
	jan	fev	jan	fev	jan	fev	jan	fev	corr.
Ind. Geral	87.42	91.60	103.78	108.10	95.08	96.29	103.78	112.58	99.07
Extrativa Mineral	148.50	146.54	128.69	134.51	116.27	119.27	128.69	140.98	124.06
Transformação	85.86	90.21	102.91	107.21	94.50	95.66	102.91	111.65	98.25
Bens de Capital	63.74	71.04	110.07	112.95	82.40	84.62	110.07	115.67	101.79
Bens intermediários	96.07	98.23	110.11	114.07	98.14	99.75	110.11	118.24	104.05
Bens de consumo	88.40	91.70	94.51	98.54	94.54	94.70	94.51	102.76	90.43
Durável	75.86	100.63	81.48	93.48	94.54	94.25	81.48	105.15	92.53
Não duráveis	90.64	90.11	96.82	99.47	94.54	94.79	96.82	102.30	90.02

Fonte: IBGE